Uma imagem com texto, vestuário, pessoa, Cara humana

Os conteúdos gerados por IA podem estar incorretos.**Ritos iniciais**

**Missa das 11h00: Bodas de ouro matrimoniais** de Jorge Ilídio e Maria Joaquina (rito depois da Missa); filhas Patrícia (mãe solteira) e Tânia (casada com Nuno); netos: Carolina, Rodrigo e Gonçalo; **7.° dia** de Paulo Jorge de Noronha e Távora de Oliveira Pegado (51 anos); **missa das 19h00:** 7.ºs dias de Maria Laura Gonçalves; Maria Ribeiro Domingues Barbosa Craveiro; Maria de Lurdes Pires Correia Araújo.

**Monição inicial**

P. O país regressou a casa, o ano escolar está à porta e setembro é o mês de todos os recomeços, também nesta comunidade. Perante a escalada da exigência que Jesus coloca aos discípulos, nesta etapa do caminho, precisamos de medir forças e recursos, ponderar e discernir as nossas escolhas, para que nada se anteponha a Cristo. Peçamos a Deus que leve até a fim a obra que quer realizar em nós e por meio de nós. Que Deus saia vencedor de todas as nossas lutas e nos tornemos vencedores graças a Ele

***Kyrie***

P. Porque sentimos a prisão dos nossos pecados que pesam sobre nós e nos oprimem, invocamos a misericórdia do Senhor, para que nos salve e liberte.

P. Senhor, porque sois o nosso refúgio, através das gerações, Senhor, tende piedade de nós! R. Senhor, tende piedade de nós!

P. Cristo, porque sois nosso irmão muito querido e nos tornais a todos irmãos, Cristo, tende piedade de nós! R. Cristo, tende piedade de nós!

P. Senhor, porque sois o Caminho com saída para a vida eterna, Senhor, tende piedade de nós! R. Senhor, tende piedade de nós!

**Hino do Glória | Oração coleta**

**Liturgia da palavra**

**Homilia no XXIII Domingo Comum C 2025**

1. Entrámos em setembro, como se fosse Ano Novo! Bem depressa, as ondas do calor ou da praia se despediram de nós, para nos reconduzir a casa, ao trabalho, à escola. Na praça pública, disputam-se as eleições autárquicas e discute-se o novo Orçamento de Estado. Para as eleições, pede-se um discernimento atento e uma ponderação cuidada, na escolha dos candidatos. Para o Orçamento, é preciso deitar contas à vida, com realismo e prudência. As duas parábolas contadas por Jesus encaixam que nem uma luva: em todo o caso, é preciso sentar-se a medir forças para o combate, antes de enfrentar o adversário; é preciso deitar contas à vida, antes de começar a construir, para não *fazer torres no ar*. São também dois avisos oportunos, para ancorar em Cristo, com audácia e realismo, um novo ano pastoral.

2. Na verdade – mesmo sem os brindes da campanha eleitoral – seguia Jesus uma numerosa multidão! O que é para desconfiar, pois certamente alguns embarcaram em tal aventura, sem medir forças, sem deitar contas à vida! Por isso, esta onda de popularidade não satisfaz Jesus; antes O preocupa! Vai daí, Jesus sobe a fasquia. É um líder *insensato*, que em vez de promessas fáceis, fala de renúncias: de cada um ***renunciar a si mesmo, ao que é seu e aos seus***. Se alguém quer seguir Jesus, não pode ser Seu discípulo a baixo preço. E no alto preço está tudo incluído: ***os laços familiares, os bens e a própria vida***. Nesta renúncia, não se trata de abandonar a família, o que seria trair o mandamento divino; não se trata sequer de deitar a perder tudo o que temos; renunciar à própria vida não é descuidar-se dela, mas oferecê-la. **Renunciar a tudo para seguir Jesus é pôr tudo o que somos e tudo o que temos no coração de Jesus, deixando que seja Ele o Rei e o Senhor de tudo.** Por consequência, seguir Jesus transformará as nossas relações familiares e sociais, fará dos nossos bens pessoais um instrumento de partilha e assim a nossa vida tornar-se-á um dom para os demais. Renunciar é perder para ganhar, é ter menos para ser mais!

3. Esta decisão – como nos adverte Jesus – exige **ponderação, discernimento, avaliação**. *Estaremos à altura de concluir o que começámos? Teremos condições para vencer esta batalha?* A nossa primeira tentação é a de encontrar uma boa desculpa, para não nos comprometermos com Cristo e com a Igreja, a partir de um certo calculismo egoísta: *“Não quero prometer e depois não cumprir”; “prefiro não me comprometer, porque não estou seguro de não vir a faltar”, “não me sinto capaz desta missão”; “não sei se tenho as condições necessárias para desempenhar esta função”.* Pois é. Mas a questão que Jesus nos põe não é essa. Não é uma questão de capacidade ou de desempenho. A questão é a de saber *se te decides por Ele ou não*… se Lhe ofereces o coração do teu coração ou não, se te comprometes com Ele ou não!

4. Estamos a iniciar um novo ano pastoral. Na nossa Diocese queremos ser um “***Porto peregrino***”, para continuar a “***abrir caminhos de esperança***”. Esta esperança só é possível com o teu compromisso na mudança. Precisamos de pessoas de palavra, de pessoas de serviço, de pessoas de compromisso! Esse compromisso começa em tua casa, com a tua família, passa pela tua profissão, e chega até esta casa comum, que é a Igreja. Mesmo quando, porventura, pouco mais podes do que *rezar* ou oferecer o teu sofrimento, o cansaço da idade e a tua solidão, não deixes de assumir esse compromisso orante e oferente, tornando-te, na retaguarda, uma fonte de bênçãos, para quem está na linha da frente no campo de batalha. Se a saúde te permitir, olha para os grupos, serviços, ministérios na paróquia, e vê se podes integrar algum deles, para te sentires e tornares útil à comunidade**. Dá corpo e alma à esperança. Faz parte da mudança que desejas**. Invoca o Espírito Santo, para que te liberte daquele medo que te leva a adiar ou a fugir ao compromisso. Levanta os olhos para o Crucificado e reza: “*Tomai, Senhor, e recebei toda a minha liberdade, a minha memória, o meu entendimento e toda a minha vontade, tudo o que tenho e possuo; Vós mo destes; a Vós, Senhor, o restituo. Tudo é vosso, disponde de tudo, à vossa inteira vontade. Dai-me o vosso amor e graça, que esta me basta*” (Sto. Inácio de Loyola). Acredita, confia, arrisca: “*Aquele que te pede tudo, também te dará tudo*” (GE 175).

**Profissão de fé**

P. Credes em Deus Pai, criador dos céus e da Terra, cujos pensamentos e desígnios de amor são insondáveis?

R. Sim, creio.

P. Credes em Jesus Cristo, o Filho de Deus, que nos chama amigos e nos faz irmãos?

R. Sim, creio.

P. Credes no Espírito Santo, do qual nos vem a luz, a força e a sabedoria, para compreendermos e cumprirmos os desígnios de Deus, no meio da escuridão da nossa vida?

R. Sim, creio.

P. Credes na Igreja, família de Deus, em que todos se tornam irmãos pelo mesmo Batismo?

R. Sim, creio.

P. Credes na ressurreição, na comunhão dos santos, na remissão dos pecados e no mundo novo que há de vir?

R. Sim, creio.

**oração dos fiéis**

P. Ao Senhor, nosso Deus e nosso refúgio, confiemos as preces do seu povo reunido em oração, dizendo: R. Ouvi-nos, Senhor.

1. Pela Igreja em caminho sinodal: para que saiba discernir os sinais dos tempos, para edificar, com a sabedoria do Espírito, o Reino de Deus, neste mundo. Oremos, irmãos. R.
2. Pelos que governam as nações: para que saibam unir toda a família humana no cuidado da Criação, nossa Casa Comum, e procurem soluções de paz, para tornar este mundo cada vez mais justo e fraterno. Oremos, irmãos. R.
3. Por nós e pelos cristãos de todo o mundo: “para que, inspirados em São Francisco, experimentemos a nossa interdependência com todas as criaturas, amadas por Deus e dignas de amor e respeito” (Leão XIV). Oremos, irmãos. R.
4. Pelos escravizados e marginais, pelos migrantes e refugiados: para que sejam amparados por uma amizade fraterna que dignifica, protege e promove a dignidade de cada pessoa humana. Oremos, irmãos. R.
5. Por todos nós: para que, neste início de ano letivo, laboral e pastoral, nos sentemos a considerar sobre os desafios do nosso seguimento de Cristo, no serviço concreto aos irmãos, na família, na sociedade e na Igreja. Oremos, irmãos. R.

P. Saciai-nos depressa da vossa misericórdia, Senhor, e desça sobre nós a vossa benignidade, para que prospere o trabalho das nossas mãos. Por NSJC.

R. Ámen.

**Liturgia Eucarística**

**Apresentação dos dons | Cântico de ofertório | Oração sobre as oblatas | Prefácio Dominical IX e O.E. II ou O.E. V/C | Ritos da Comunhão:**

**Pai-Nosso**

P. Paulo transformou uma relação de escravatura numa relação de fraternidade. Como irmãos muito queridos (cf. 2.ª leitura), oremos cheios de confiança a Deus, nosso Pai...

**Rito da Paz**

P. «*Se me consideras teu amigo, recebe-o como a mim próprio*», dizia Paulo a Timóteo a respeito de Onésimo, o escravo que ele tomou e transformou num irmão.

Diácono: Neste espírito de fraternidade, que não exclui ninguém, saudai-vos na Paz de Cristo…

**Cordeiro de Deus | Comunhão | Cântico de Comunhão | Oração depois da Comunhão | Oração pós-comunhão** [ou incorporada na Oração dos féis] **no Tempo da Criação:**

P. Irmãos e irmãs: de 1 de setembro a 4 de outubro, os cristãos vivem o chamado “*Tempo da Criação*”, destinado a desenvolver nos cristãos a sua vocação de guardiães da Criação e a despertar a consciência do cuidado da nossa Casa Comum. Na sua Oração para este mês de setembro, o Papa Leão XIV pede-nos que “*rezemos para que, inspirados em São Francisco, experimentemos a nossa interdependência com todas as criaturas, amadas por Deus e dignas de amor e respeito*”. E ele mesmo nos propõe esta oração. Oremos:

Leitor:

Senhor, Tu amas tudo o que criaste,

e nada existe fora do mistério da Tua ternura.

Cada criatura, por mais pequena que seja,

é fruto do Teu amor e tem um lugar neste mundo.

Mesmo a vida mais simples ou mais breve

é envolvida pelo Teu cuidado.

Como São Francisco de Assis,

hoje também queremos dizer:

"Louvado sejas, meu Senhor!".

Através da beleza da criação,

Tu revelas-Te como fonte de bondade.

Nós Te pedimos:

abre os nossos olhos para Te reconhecer,

aprendendo com o mistério da Tua proximidade a toda a criação

que o mundo é infinitamente mais do que um problema a resolver.

É um mistério a ser contemplado com gratidão e esperança.

Ajuda-nos a descobrir a Tua presença em toda a criação,

para que, reconhecendo-a plenamente,

nos sintamos e saibamos responsáveis por esta casa comum

na qual nos convidas a cuidar, respeitar e proteger a vida

em todas as suas formas e possibilidades.

Louvado sejas, Senhor!

R. Ámen.

**Ritos Finais**

**Agenda pastoral Guifões**

1. Segunda-feira, dia 8, 21h30: Reunião da Comissão de Festas de São Martinho
2. Sábado, dia 13, 21h00: Oração do Rosário, pelo Grupo de Oração Mariana, na Igreja da Sagrada Família.
3. Domingo, 14, às 15h30, encontro mensal do Grupo Cenáculos de Oração Missionária.
4. **Inscrições na Catequese até 15 de setembro:**

**1)** das crianças batizadas e não batizadas, nascidas em 2019 para o 1.º ano;

**2)** dos que desejam frequentar pela primeira vez a catequese, em qualquer idade. Apresentar cartão de cidadão ou certidão de nascimento, comprovativo do batismo (se for o caso) e contribuição de 15 euros. Dos que já frequentam a Catequese, presume-se a renovação da inscrição. A Catequese recomeça a 11 e 12 de outubro, para os grupos do 2.º ano em diante; a 18 de outubro, às 09h30, só para o 1.º ano.

**5.** Este domingo, terminam as inscrições para a peregrinação diocesana a Fátima, no dia 20 de setembro.

**Agenda pastoral Senhora da Hora**

1. Durante o mês de setembro, não há Missa Vespertina aos sábados;
2. A Missa vespertina, aos sábados, à tarde, com a Catequese, recomeçará só a partir de 4 de outubro, com horário reajustado: 15h45.
3. Quinta-feira, dia 11, 21h30: Reunião do Secretariado da Catequese.
4. **Inscrições na Catequese, até 15 de setembro:**

**1)** das crianças batizadas e não batizadas, nascidas em 2019 para o 1.º ano;

**2)** dos que desejam frequentar pela primeira vez a catequese, em qualquer idade. Apresentar cartão de cidadão ou certidão de nascimento, comprovativo do batismo (se for o caso) e contribuição de 15 euros. Dos que já frequentam a Catequese, presume-se a renovação da inscrição, se não for dito nada em contrário.

A Catequese deverá recomeçar a 27 de setembro, às 09h30, só para o 1.º ano; a 4 e 5 de outubro, nos respetivos horários, para os restantes anos.

1. Sexta-feira, dia 12: encontro do pároco com os crismandos.
2. Este domingo, terminam as inscrições para a peregrinação diocesana a Fátima, no dia 20 de setembro.

**Bênção**

P. Dá corpo e alma à esperança. Faz parte da mudança que desejas.

**Despedida**

Diácono: Peregrinos de esperança, ide em paz e que o Senhor vos acompanhe!

R. Graças a Deus.

**Oração de Bênção da mesa ||** 07.09.2025

Senhor, louvado sejas

pelos dons da Criação.

Que a partilha desta refeição

nos fortaleça na luta diária,

e edifique a nossa casa

na alegria do Teu amor.

Dá-nos a coragem

de Te seguir e de Te servir,

com tudo o que somos e temos,

para construirmos juntos

um mundo melhor.

Ámen.

**GRUPOS PASTORAIS – SENHORA DA HORA**

Acólitos (Serviço do altar)

Agrupamento de escuteiros 521

Apoio à Capelania do Hospital Cuf Porto

Apoio e Visita aos doentes

Associação Festas de Nossa Senhora da Hora

Catequista: anúncio, transmissão, testemunho e acompanhamento no caminho da fé

Conferência Vicentina (cuidado e Evangelização dos pobres)

Conselho Económico | Comissão Fabriqueira (nomeação pelo Bispo)

Cuidado e Limpeza da Igrejas (interior e exterior)

Equipa de Acolhimento (à entrada – nas celebrações)

Equipa de Informática e multimédia (redes sociais)

Equipas de Nossa Senhora (Movimento de espiritualidade conjugal)

Equipa Interparoquial da Pastoral Familiar (preparação para o matrimónio e fortalecimento das famílias)

Equipa interparoquial de Vocações (promoção de uma cultura vocacional)

Equipa Interparoquial do Batismo (preparação e celebração dos Batismos)

Equipa *Laudato Si* (Cuidado da Casa Comum)

Grupo Coral na Missa das \_\_\_ h\_\_\_

Grupo de Jovens

In Manus Tuas – apoio na celebração das exéquias

Leitores (proclamação da Palavra de Deus na Liturgia)

Mar Solidário (Apoio aos sem-abrigo)

Mercado das Sete Bocas e do Café | Dinamização da Angariação de fundos

Ministros Extraordinários da Comunhão (instituídos por proposta do pároco)

Movimento Esperança e Vida (interparoquial: apoio a viúvas e mulheres sós)

Movimento Fé e Luz (apoio a pessoas com deficiência mental) – grupo interparoquial

Porta Aberta (Manter a porta aberta da Igreja)

Percurso catecumenal de (re)iniciação cristã. Formação cristã de adultos

Ultreia de Matosinhos - Cursilhos de Cristandade (formação e transformação dos ambientes)

*Vidi Aquam* – grupo interparoquial de canto sacro, polifonia, canto popular (não litúrgico)

Zelador(a) dos altares (Arranjos florais)

**GRUPOS PASTORAIS – PARÓQUIA DE GUIFÕES**

Acólitos (Serviço do altar)

Apoio à Capelania do Hospital CUF Porto

Catequista: anúncio, transmissão, testemunho e acompanhamento no caminho da fé

Cenáculos de Oração Missionária (animação da espiritualidade missionária)

Comissão de Festas de São Martinho (culto e festa do padroeiro São Martinho)

Conselho Económico | Comissão Fabriqueira (nomeação pelo Bispo)

Cuidado e limpeza das Igrejas (interior e exterior) – a formar

Equipa Interparoquial da Pastoral Familiar (preparação para o matrimónio e fortalecimento das famílias) – a reforçar

Equipa interparoquial de Vocações (promoção de uma cultura vocacional – a formar

Equipa Interparoquial do Batismo (preparação e celebração dos Batismos)

Equipas de Nossa Senhora (Movimento de espiritualidade conjugal) - a formar

Grupo Coral (animação litúrgico-musical das celebrações)

Grupo de Ajuda Fraterna (cuidado e evangelização dos pobres)

Grupo de Oração Mariana (promoção da oração e da espiritualidade mariana)

Grupo de Jovens

In Manus Tuas – apoio na celebração das exéquias – a formar

Leitores (proclamação da Palavra de Deus na Liturgia)

Mar Solidário (Apoio aos sem-abrigo) – grupo interparoquial – a formar

Ministros Extraordinários da Comunhão (instituídos por proposta do pároco)

Movimento Esperança e Vida (interparoquial: apoio a viúvas e mulheres sós)

Movimento Fé e Luz (apoio a pessoas com deficiência mental) – grupo interparoquial a formar

Porta Aberta (Manter a porta aberta da Igreja)

Percurso catecumenal de (re)iniciação cristã. Formação cristã de adultos

*Vidi Aquam –* grupo interparoquial de canto sacro, polifonia, canto popular (não litúrgico)

Zelador(a) dos altares (Arranjos florais)

**OUTRAS HOMILIAS**

**E TEXTOS ALUSIVOS**

**AO XXIII DOMINGO COMUM C**

**Homilia no XXII Domingo Comum 2022**

1. O mês de setembro traz-nos de volta a casa, ao trabalho, à escola, à paróquia, aos lugares-comuns da nossa vida. Desfeitas as malas, é tempo de programação, de planificação, de desenhar projetos, sonhos, objetivos. Para tal, é bom que nos *sentemos* a deitar contas à vida com as suas perdas e ganhos, a medir forças e resistências para uma luta renhida contra o Mal, a discernir um caminho com saída para a vida verdadeira, nas pequenas e nas grandes escolhas da nossa vida.

2. E este novo ano (laboral, escolar, pastoral) obrigar-nos-á a *sentarmo-nos para calcular*, ainda com mais cuidado e rigor, a despesa e a receita, para tomar *balanço* aos projetos sonhados, para ver se temos com, como e com quem os concluir. Tal esforço de atenção ao ideal e ao concreto da nossa vida pessoal, da vida das nossas famílias e da vida das nossas comunidades, terá de ser ainda maior. Basta termos em conta, a nível social, o aumento das taxas de juro no crédito à habitação, a prevista subida das rendas, a escalada da inflação, a crise energética e a consequente subida dos preços da eletricidade e do gás. E a falta de água, em tempos de seca severa, está aí como um grito amargo da criação, que é preciso ouvir, pois está a clamar por uma renúncia ao esbanjamento, maior contenção e sobriedade no consumo. Nas nossas comunidades cristãs, em processo sinodal, depois de um ano de ampla escuta, é preciso que nos sentemos a considerar as *renúncias a fazer, as opções a tomar, os caminhos a percorrer*, não para agradar à opinião pública ou publicada, mas para sermos fiéis a Cristo e ao Seu Evangelho.

3. Ora, Jesus Cristo – “*que não sabia nada de finanças nem consta que tivesse biblioteca*” (Fernando Pessoa), e, ao que parece, também não foi à tropa – conhecia bem os princípios básicos da economia e da estratégia militar. Fosse hoje e Jesus recomendar-nos-ia que preenchêssemos cuidadosamente uma folha de cálculo, em várias colunas: a coluna das despesas e a dos recursos, a coluna das necessidades e a coluna dos apoios, para não fazermos *torres no ar*. Fosse hoje e, antes de travar uma luta ou de começar uma guerra, mediríamos primeiro fraquezas e forças, aliados e inimigos, previsões e provisões. Com tudo isto, Jesus insinua que se não for Ele a edificar a casa, em vão trabalham os que a constroem (*cf. Sl* 127,1). Só graças a Ele, que põe sobre nós a Sua mão, é que nos tornaremos vencedores (cf. Rm 8,37-39) no difícil combate pelo bem, pela vida maior.

4. Com esta linguagem tão bela das parábolas, Jesus põe-nos a fazer um exercício de realismo, dando-nos conta de que segui-l’O até ao fim, até Jerusalém, até à Cruz, tem um preço, tem um custo: é dispor de si (da sua vida), é dispor do que é seu (dos seus bens materiais e espirituais) e é mesmo dispor dos seus mais íntimos (dos seus familiares). E será que Jesus nos inveja os bens ou nos quer longe dos familiares? Não. N’Ele a vida e os bens permanecem bens e bons, mas multiplicam-se dividindo-se. N’Ele, a relação com os familiares permanece sagrada, mas é desatada dos nós-cegos que a destroem para ser refeita de laços libertadores que a tornam santa. **Aquele que nos pede tudo, também nos dá tudo** (cf. GE, n.º 175).

5. Queridos irmãos e irmãs: com o novo ano letivo, laboral e pastoral, à porta, ***sentemo-nos então a considerar***, a discernir, com realismo e esperança, o que Deus quer de nós e para nós, na graça do presente que queremos abraçar (com obras na Igreja e uma comunidade para reconstruir). Proponho, por isso, que, por estes dias, cumpramos este *dever de nos sentarmos* um pouco, a sós ou em casal, diante do Senhor, com uma folha branca diante dos olhos, uma espécie de *folha de cálculo*, que nos ajude a elaborar o *caderno de encargos* da nossa vida, em casal, em família e em comunidade, pelo menos com duas colunas: a dos recursos e apoios de que dispomos e a dos custos e renúncias que nos dispomos a sacrificar, sem perder nunca de vista o objetivo: o de sermos cada um o *Onésimo* do outro, o de sermos úteis à construção do Reino, na luta por um mundo melhor.

**Homilia no XXIII Domingo Comum C 2019**

1. Naquele tempo – diz o Evangelho – e sem campanha eleitoral, seguia Jesus uma numerosa multidão! E esta onda de popularidade, quase a roçar a maioria, não satisfaz Jesus; antes O preocupa! Vai daí, Jesus sobe a fasquia, anuncia cortes e não promete reversões. O seu discurso não é de modo a engrossar as fileiras de seguidores iludidos, mas *espanta a caça* e *arreda a pesca*! Jesus desafia os discípulos a revirar a sua escala de valores e a reconfigurar totalmente a ordem de prioridades. Se alguém quer seguir Jesus, não pode ser Seu discípulo a qualquer preço. E no preço está tudo incluído: *os laços familiares, os bens e a própria vida*. Ora “*aquele que pede tudo, também dá tudo, e não quer entrar em nós para mutilar ou enfraquecer, mas para levar à perfeição*” (GE 175). Por isso, *renunciar* não é abandonar a família, o que seria trair o mandamento divino; renunciar não é deitar tudo a perder, porque até as mulheres serviram Jesus com os seus bens; renunciar à própria vida não é descuidar-se dela, mas embelezá-la no amor. Renunciar para seguir Jesus é pôr no coração do nosso coração a relação com Cristo, deixando que seja Ele o Rei e Senhor de tudo. Neste sentido, seguir Jesus transformará no amor as nossas relações familiares e sociais, fará dos nossos bens pessoais um instrumento de partilha e a nossa vida tornar-se-á um dom para os demais. Renunciar significa deixar que Cristo reine para O seguirmos e servirmos com tudo o que somos e temos.

2. Se é assim… é preciso então ter a coragem de se decidir, de cortar a eito, para seguir em frente, com Jesus, no caminho da Cruz. E esta decisão – como nos adverte Jesus – exige ponderação, discernimento, avaliação. *Estaremos à altura de concluir o que começámos? Teremos condições para vencer esta batalha?* A nossa tentação é a de encontrar aqui uma boa desculpa, para não nos comprometermos com Cristo e com a Igreja, a partir de um calculismo egoísta: *“Não quero prometer e depois não cumprir”; “Prefiro não me comprometer, porque não estou seguro de não vir a faltar”, “Não me sinto capaz desta missão”; “Não sei se tenho as condições necessárias para desempenhar esta função”.* Pois é. Mas a questão que Jesus nos põe não é essa. Não é uma questão de capacidade ou desempenho. A questão para ti é a de saberes se te decides por Ele ou não… se Lhe ofereces o coração do teu coração ou não… se te queres deixar amar e guiar por Ele ou não; se O queres deixar agir em ti e por ti ou não. É isto e só isto mesmo que está em questão.

3. Por isso, faço-te um apelo, querido irmão, querida irmã: senta-te, por algum tempo, em oração, em diálogo com o Senhor. Invoca o Espírito Santo, para que te liberte e expulse aquele medo que te leva a negar-Lhe a sua entrada em alguns espaços da tua vida (cf. GE 175). Quando sentires a tentação de te enredares na tua fragilidade, levanta os olhos para o Crucificado e diz-Lhe: «*Senhor, sou um miserável! Mas Tu podes fazer o milagre de me tornar um pouco melhor*» (cf. GE 15). Faz um discernimento, atento, humilde, verdadeiro, não para descobrires que mais proveito podes tu tirar desta vida, mas para reconheceres como cumprires melhor a missão, que te foi confiada no Batismo (cf. GE 174). Isto implica estares disposto, desde já a renunciar a tudo, isto é, a dares tudo por tudo (cf. GE 174).

4. Querido irmão, querida irmã: estamos a iniciar um novo ano pastoral, marcado pela redescoberta do Batismo. Convido-te a deixares que a graça do teu Batismo frutifique num caminho de santidade (cf. GE 15), de liberdade para amar e servir. O Reino de Deus, no coração da Igreja e do mundo, precisa tanto de ti, nesta terra, nesta paróquia, nesta comunidade, como Paulo precisou outrora de um tal Onésimo, o escravo *útil e proveitoso*, que depressa se transformou em *irmão muito querido*. Deixa que te diga e até que te troque o nome: faz-te “*Onésimo*” nesta comunidade! *Não sejas escravo* dos teus medos e comodidades; *sê útil* e proveitoso aos demais. Peço-te uma vez mais e pedi-lo-ei até à enésima vez: sê *Onésimo*, se queres ser livre em Cristo e irmão de todos.

**HOMILIA NO XXIII DOMINGO COMUM 2016**

Hoje não me porei a calcular, se tenho por onde acabar a *empreitada* que sonhei, para este novo ano pastoral, nem me *sentarei a considerar* se tenho forças para vencer a batalha, contra tudo o que me impede de seguir a Cristo.

Hoje, Nosso Senhor vai-me perdoar, mas vou aproveitar a canonização de Madre Teresa de Calcutá, para deitar mãos às armas, que fizeram dela uma mulher santa, e uma mulher tão franzina como poderosa, uma mulher que não precisou de um cabeção ou de uma cruz peitoral, para influenciar e transformar a Igreja.

Podia aqui apresentar-vos muita da rica *artilharia espiritual,* com que esta “*santa da escuridão*” respondeu à sede que Jesus tem de nós (cf. Jo 19,28) e que nós temos d’Ele. Mas, à boa maneira do Papa Francisco, vamos pegar apenas em **três armas**. São bastantes, para não fazermos torres no ar, nem figuras tristes na nossa batalha, contra o mal e pelo bem.

**A primeira arma, que não podia faltar, é a oração!**

Conta o Cardeal Ângelo Comastri: «A Madre Teresa olhou-me com dois olhos límpidos e penetrantes. E, logo de seguida, perguntou-me: ‘*Quantas horas reza por dia?*’. Eu fiquei surpreendido com essa pergunta e tentei defender-me dizendo: ‘*Madre, da senhora eu esperava um chamamento à caridade, um convite a amar mais os pobres. Por que me pergunta quantas horas eu rezo?*’. A Madre Teresa agarrou as minhas mãos, apertou-as entre as dela, como que para me transmitir o que lhe ia no coração, e segredou-me: ‘*Meu filho, sem Deus nós somos pobres demais para ajudar os pobres! Lembre-se: eu sou apenas uma pobre mulher que reza. Rezando, Deus coloca o Seu amor no meu coração e assim eu posso amar os pobres. Rezando!*’. O segredo de Madre Teresa está todo aqui», comenta o Cardeal. Madre Teresa iniciava o seu dia, participando na Santa Missa e terminava-o com a adoração a Jesus, no Santíssimo Sacramento. Quando aumentava o tempo de trabalho, ela aumentava ainda mais o tempo da oração. Por isso, escreveu, com grande sabedoria: «*O fruto da oração é a fé, o fruto da fé é o amor, o fruto do amor é o serviço e o fruto do serviço é a paz*».

**A segunda arma, que bem podia ser a primeira e a última, é a caridade!**

*Missionária da Caridade*, Madre Teresa foi precisamente isto, de nome e de facto. A fundadora dos Missionários e das Missionárias da Caridade é hoje, em todo o mundo, dentro e fora da Igreja, a imagem feminina do Bom Samaritano: ela ia a toda a parte, para servir Cristo, nos mais pobres entre os pobres. Nem conflitos, nem guerras a impediam. Segundo os últimos dados disponíveis, o seu Instituto tem hoje 5.305 membros, em 758 casas, distribuídas em mais de 130 países. Ela escolheu ser não apenas *a mais pequena,* mas *a serva dos mais pequeninos.* A sua grandeza reside na sua capacidade de se doar sem calcular o custo, de se doar "até doer". Escreveu ela: «*Dedicamos o nosso serviço àqueles que consideramos os mais pobres entre os pobres espiritualmente, aqueles que não são amados, não são queridos, não são assistidos, pessoas que ninguém ama*». Ela desejava ser um "*sinal do amor de Deus, da presença de Deus, da compaixão de Deus*" e, desta forma, recordar a todos o valor e a dignidade de cada filho de Deus, "*criado para amar e para ser amado*". Era assim que Madre Teresa "*levava as almas para Deus e Deus às almas*", aliviando a sede de Cristo (cf. Jo 19,28), sobretudo nas pessoas mais necessitadas, cuja visão de Deus tinha sido ofuscada pelo sofrimento e pela dor. Amar os não amados, na escola, na família, na sociedade, na Igreja, eis o grande desafio de Madre Teresa, para este tempo. A respeito do seu sentido e prática da caridade, diz o Papa Francisco: «*Há uma expressão de Madre Teresa que gostaria que servisse de cenário à minha reflexão: “Nós não somos uma ONG. As ONG trabalham para um projeto; nós trabalhamos para Alguém”. Por isso também eu repito que a Igreja não é uma ONG, porque trabalha para Cristo e para os pobres, nos quais vive Cristo*».

**A terceira arma, que bem podia ser a primeira e é irmã gémea da segunda, é a misericórdia!**

A misericórdia é, no seu núcleo, uma virtude espiritual, mas o Papa Francisco tem insistido, ao longo deste ano que, para ser autêntica, a misericórdia deve manifestar-se em ações concretas de serviço. Neste ano, somos chamados a redescobrir, a valorizar e a praticar, com alegria, as obras de misericórdia corporais e espirituais. Ora, poucas figuras católicas, alguma vez, e provavelmente nenhuma no seu tempo, ilustraram melhor esse impulso para a misericórdia concreta, do que Madre Teresa, desde os centros para doentes com SIDA às casas de acolhimento para crianças perdidas e refugiados. Não houve qualquer espécie de sofrimento humano a que ela não tivesse dado uma resposta prática. Nesse sentido, Santa Teresa de Calcutá ficará para sempre como uma espécie de "*manual de como fazer misericórdia*", em carne e osso, uma espécie de “*guia do utilizador*” para saber o que é, na prática, a misericórdia. Daqui por diante, o Papa Francisco não tem de oferecer qualquer explicação detalhada do que é a misericórdia; tudo o que tem de fazer é apontar para Madre Teresa e dizer-nos: «*Procurai fazer como ela*». Por tudo isto, não é temeridade dizer que o Ano da Misericórdia alcança, com esta canonização de Madre Teresa, o seu auge espiritual. E nós estamos felizes, porque, como ela própria escreveu: “*Se eu alguma vez vier a ser santa, serei com certeza uma santa da escuridão. Hei de estar permanentemente fora do céu a iluminar os que na terra se encontram na escuridão*”. Também nós lhe diremos, como Jesus, na Sua sede: “*Vem, Madre Teresa; sê a minha luz*”!

***ANGELUS***

*Praça de São Pedro  
Domingo, 8 de Setembro de 2013*

*Queridos irmãos e irmãs, bom dia!*

No Evangelho de hoje Jesus insiste sobre as condições para ser seus discípulos: nada antepor ao amor por Ele, carregar a própria cruz e segui-lo. De facto, muitas pessoas aproximam-se de Jesus, queriam fazer parte dos seus seguidores; e isto acontecia sobretudo depois de alguns sinais prodigiosos, que o acreditavam como o Messias, o Rei de Israel. Mas Jesus não quer iludir ninguém. Ele bem sabe o que o espera em Jerusalém, qual é o caminho que o Pai lhe pede que percorra: é o caminho da cruz, do sacrifício de si mesmo pelo perdão dos nossos pecados. Seguir Jesus não significa participar num cortejo triunfal! Significa partilhar o seu amor misericordioso, entrar na sua grande obra de misericórdia para cada homem e para todos os homens. A obra de Jesus é precisamente uma obra de misericórdia, de perdão, de amor! Como Jesus é misericordioso! E este perdão universal, esta misericórdia, passa através da cruz. Mas Jesus não quer cumprir esta obra sozinho: quer envolver também a nós na missão que o Pai lhe confiou. Depois da ressurreição dirá aos seus discípulos: «Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós... Àqueles que perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados» (*Jo*20, 21.22). O discípulo de Jesus renuncia a todos os bens porque encontrou n’Ele o Bem maior, no qual qualquer outro bem recebe o seu pleno valor e significado: os vínculos familiares, as outras relações, o trabalho, os bens culturais e económicos e assim por diante... O cristão desapega-se de tudo e encontra tudo na lógica do Evangelho, a lógica do amor e do serviço.

Para explicar esta exigência, Jesus usa duas parábolas: a da torre para construir e a do rei que vai para a guerra.

Esta segunda parábola diz assim: «Qual é o rei que parte para a guerra contra outro rei, e não se senta primeiro examinando se lhe é possível com dez mil homens opor-se àquele que vem contra ele com vinte mil? Se não pode, estando o outro ainda longe, manda-lhe embaixadores a pedir a paz» (*Lc*14, 31-32).

Aqui Jesus não quer enfrentar o tema da guerra, é só uma parábola. Mas, neste momento no qual estamos a rezar insistentemente pela paz, esta Palavra do Senhor diz-nos respeito, e na realidade diz-nos: há uma guerra mais profunda que devemos combater, todos! É a decisão forte e corajosa de renunciar ao mal e às suas seduções e de escolher o bem, prontos a pagar em primeira pessoa: eis o seguir Cristo, o carregar a própria cruz! Esta guerra profunda contra o mal! Para que serve fazer guerras, tantas guerras, se não se é capaz de fazer esta guerra profunda contra o mal? De nada serve! Não pode ser... Isto comporta, aliás, esta guerra contra o mal comporta dizer não ao ódio fratricida e às mentiras de que se serve; dizer não à violência em todas as suas formas; dizer não à proliferação das armas e ao seu comércio ilegal. Há tanto! Há tanto! E permanece sempre a dúvida: esta guerra, e a outra — porque há guerras em toda a parte — é deveras uma guerra devido a problemas ou é uma guerra comercial para vender estas armas no comércio ilegal? São estes os inimigos que devem ser combatidos, unidos e com coerência, sem seguir outros interesses a não ser os da paz e do bem comum.

**Homilia no XXIII Domingo Comum C 2013**

Com este programa, garanto-vos que nenhum político ganharia as próximas eleições! A austeridade da cruz e o esforço da renúncia não atraíram nunca o aplauso das massas! Mas Jesus, que não vai a votos, não está para vender ilusões, propondo-nos um qualquer evangelho a saldo! Por isso, tira todas as pedras do caminho, a quem julga chegar a Jerusalém, atravessando uma passadeira vermelha. Ele define, com clareza, as coordenadas do caminho da Cruz, com três condições e duas parábolas.

**1.** **Três condições**: O discípulo tem de *dispor de si* (da sua vida), dispor *dos seus* (dos seus familiares), e *dispor do que é seu* (dos seus bens).

***Dispor de si***, não é alienar a vida, por causa d’Ele. É encontrar n’Ele a própria Vida, que só se ganha, na medida em que se perde!

***Dispor dos seus*,** não é ignorar o pai, a mãe, a esposa, os filhos, os irmãos… O nosso amor a Cristo e o amor de Cristo por nós, não concorrem com o nosso amor aos outros! Pelo contrário: o amor de Cristo purifica e dilata o nosso coração, para amar ainda mais os outros, a começar pelos de casa.

***Dispor do que é seu*,** dispor dos bens, não é deitar tudo a perder. É simplesmente perceber que o dinheiro pode ser um bom servo, mas será sempre um mau senhor.

Quanto ao desafio global de ***tomar a Cruz***, trata-se de assumir as próprias responsabilidades e abraçar as dificuldades. Faço-te uma sugestão: *Salta para a Cruz! E já não serás tu a levar a Cruz; mas será a Cruz que te levará a ti!*

**2. Depois temos duas parábolas,** que nos oferecem outras duas imagens da vida cristã: *construir e batalhar*. O seguimento de Cristo é uma construção diária e uma luta permanente. Teremos arcaboiço, para prosseguir esta obra, ou o apego, o medo, o calculismo, vão deixar-nos a meio do caminho? Teremos as “armas” da audácia e da coragem, para esta luta, ou vamos sucumbir no primeiro combate? É preciso audácia humilde, frente a tamanho desafio!

**3.** Queridos irmãos e irmãs: Com o novo ano letivo, laboral e pastoral, à porta, é preciso, primeiro, “*sentarmo-nos a considerar*”, isto é, pormo-nos a pensar, a meditar, a programar, a deitar contas à vida, para não fazermos “*torres no ar*” ou castelos na areia! Seria, por isso, interessante, se, por estes dias, nos sentássemos um pouco, diante do Senhor, com uma folha branca, nas mãos, para fazermos alguma programação da nossa vida, para este novo letivo, laboral e pastoral, como quem elabora uma espécie de “caderno de encargos” da obra a fazer ou “*um plano de intervenção*” para pôr em ordem a própria vida!

**4.** Talvez nos facilitasse este trabalho dividir a página em *três colunas*: uma primeira, com as mudanças a fazer; uma outra com as renúncias a suportar; e a última, a mais importante, com os objetivos a atingir! Neste exercício veríamos como, sobre o papel, ficarão, em branco, ou não, os espaços que dedicamos a nós mesmos, à oração, ao serviço dos outros e os meios de que estamos mesmo dispostos a deitar mão!

**5.** Então, sentem-se lá… e comecem já a fazer o rascunho desta programação, com esta realista convicção: “*Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a constroem. Se o Senhor não guardar a cidade, em vão vigiam as sentinelas*” (Sal.127,1).

**Oração dos Fiéis – XXIII Domingo do Tempo Comum C 2013 – casamento**

P- Ao Senhor, nosso Deus e nosso refúgio, confiemos as preces do seu Povo reunido em oração.

**1.** Pela Igreja: para que se edifique como verdadeiro espaço da fraternidade e da gloriosa liberdade dos filhos de Deus. Oremos irmãos.

**2.** Pelos que governam as nações: para que encontrem uma solução de diálogo e de paz, para a Síria, para o Egito, para os povos do médio Oriente. Oremos irmãos.

**3.** Por estes esposos Tiago e Vânia: para que saibam edificar o seu casamento sobre a rocha, que é Cristo, e lutem sempre contra todas as tentações de desânimo ou desistência. Oremos irmãos.

**4.** Por todos os esposos aqui presentes: para que renovem os seus compromissos matrimoniais, na máxima amizade, de quem renuncia a si mesmo, para dar lugar ao outro. Oremos irmãos.

**5.** Por todos nós: para que, neste início de ano letivo, laboral e pastoral, nos sentemos primeiro a considerar as mudanças a fazer, as renúncias a suportar e os objetivos a atingir. Oremos irmãos.

P- Saciai-nos depressa da vossa misericórdia, Senhor, e desça sobre nós a vossa benignidade, para que prospere o trabalho das nossas mãos. Por NSJC.

**Homilia no XXIII Domingo Comum C 2010**

**1.** Prestes a começar o ano letivo, o divino Mestre, Jesus de Nazaré, sem nenhum centro escolar aberto, nem quadro eletrónico na sala de aula, ensina multidões, no caminho! O tal caminho, que O levará até à Cátedra da Cruz, em Jerusalém, onde nos ensinará, ao vivo, a sabedoria do amor! De modo simples, Jesus descreve, na tábua rasa dos seus seguidores, duas parábolas! Como quem desenha, «preto no branco», duas imagens sugestivas, antes da nossa partida e da nossa aventura com Ele!

**1.1.** A primeira imagem, cujo protagonista é um construtor, destina-se a evitar um erro de cálculo e a prevenir o risco de passarmos a vida a fazer torres no ar, com obras começadas e nunca acabadas!

Por outras palavras: o discípulo, isto é, aquele que entra na escola de Jesus, e O quer seguir até à Cruz, não pode ter a veleidade de construir uma vida assim, se fica a meio, ou se vive a meias, e não vai até ao fim e ao fundo das coisas! Seguir Cristo não é uma decisão, que se possa tomar de ânimo leve! Ela implica uma espoliação de tudo o que somos e temos; daí a necessidade de calcular previamente, de ver e prever com realismo, os recursos disponíveis da nossa vontade e da nossa liberdade! Seremos, ou não, capazes de «*renunciar a tudo*», sem nada antepor a Cristo?!

**1.2.** A segunda imagem, a do rei que se prepara a guerra, vem lembrar a quem “enche o peito de ar” e incha de presunção, que afinal «*quem vai à guerra dá e leva*»! Por isso mesmo, é preciso medir forças, antes de avançar para o combate, que terá um desfecho brutal e maldito na Cruz!

Nesta parábola, Jesus deixa claro: o discípulo, que combate pela fé, não pode aventurar-se a uma luta tão desigual, neste mundo, se não está munido de forças espirituais, que ultrapassem a sua natural fraqueza! Este precisa de “*sentar a considerar se é capaz*” de enfrentar as lutas e as batalhas da fé, que tem pela frente! O discípulo deve examinar, com realismo, o seu equipamento interior, verificar a sua bagagem espiritual, para ver se “*tem pernas*” para lá chegar e vencer!

**2.** São afinal, três lições práticas, para o seguimento de Jesus e para qualquer aventura espiritual, neste início de ano lectivo e pastoral: ***constância, realismo e audácia****.* *A audácia* faz precisamente o justo equilíbrio entre a presunção de quem se julga capaz de tudo e a timidez de quem não é capaz de fazer nada! Muitas vezes perdemos algumas batalhas da nossa vida, porque nem sequer nos roça de perto o desejo de as combater! Consideramo-nos derrotados, à partida!

**3.** No início do ano escolar e pastoral, gostaria de denunciar este equívoco, em certos projectos educativos, que a troco de “cortar as unhas” – uma operação necessária – “corta também as asas”, e encurta os ideais!

Quero dizer: às vezes, e erradamente, adaptamos e reduzimos os altos ideais às nossas poucas forças, contentando-nos então com bem pouco, como quem diz: “*Já que sou assim tão fraco, o mínimo bem me basta*”. Ora a audácia leva-nos à atitude contrária: a de adaptar as nossas forças à altura e à grandeza dos nossos ideais, como quem diz e se decide: «*já que desejo isto, vou rezar mais, lutar mais, batalhar mais, esforçar-me mais, sacrificar-me mais, estudar mais, renunciar ao que for preciso, para alcançar tal objectivo*». Nesse caso, isto é, se queremos algo de belo e grandioso para a nossa vida, podemos abeirar-nos de Deus, apesar da nossa pobreza! E Ele afiançará os nossos projectos, dando-nos o seu Espírito Santo, a sua sabedoria, a sua força e a sua graça, para os levar a bom termo e fazer de nós mais do que vencedores!

**4.** Eis-nos então diante de mais um ano, na escola, na paróquia, no trabalho, continuando e aprofundando o seguimento de Jesus! É mais uma fase da empreitada, para quem quer edificar uma vida a sério, com Cristo! Ou é mais uma batalha, para quem luta e deseja vencer!

Jesus pede-nos que deitemos contas à vida, mas que deixemos à porta o medo e tudo o mais que nos pesa. Nesta construção e nesta luta de cada dia, na Escola, na Igreja, no trabalho, em casa, Ele está a desafiar-te, com humana e divina audácia: *«Entra, tens aqui um lugar*»!

**Homilia no XXIII Domingo Comum C 2007**

**1.** “«Madre Teresa passou quase 50 anos, sem sentir a presença de Deus». Acha bem”? A pergunta era feita, à entrada do café, por parte de uma senhora, que lia num jornal diário uma reportagem, provocada pela Revista Visão. De facto, logo na capa, estava em destaque “a vida secreta de Madre Teresa de Calcutá” (Visão, Edição nº 756, 30 Agosto de 2007). E havia um extenso artigo no interior da Revista que obviamente a maioria teve preguiça de ler. Os jornalistas, ávidos de notícias «escaldantes», começaram a discorrer sobre o assunto, como se a questão de Deus e a questão da fé, se pudessem tratar com a banalidade de uma qualquer notícia de sensação. Já é bem difícil às pessoas, de vida espiritual tensa e intensa, entender “os desígnios insondáveis de Deus” e relatar as suas fundas experiências de dúvida ou de luz, de aridez ou de consolação! Quanto mais impossível não será fazer penetrar nos «*desígnios de Deus*» uma multidão que não reza e «cujos pensamentos são, por vezes, tão mesquinhos» (1ª leit.ª)! Como fazer entender esta dor da “ausência de Deus”, a quem reza pouco mais que o sinal da Cruz e nada sabe da «busca de Deus» e da «luta com Ele»? Ou, como se interrogava o sábio da primeira leitura: «Quem poderá, Senhor, conhecer os vossos desígnios se Vós não lhe dais a sabedoria e não lhe enviais o vosso Espírito Santo»?

**2.** Quem frequenta a leitura espiritual dos grandes místicos ou tem alguma familiaridade com a vida dos santos ou empreende um caminho de oração, não estranha ouvir falar de «aridez espiritual», de «purificação dos sentidos» ou de «ausência de Deus». O cristão menos avisado nestas matérias, há-de pensar que é uma «injustiça» pedir a um «santo» que continue a ter fé, a esperar e a amar, renunciando a toda e qualquer certeza, renunciando a todo e qualquer apoio ou consolação. E todavia, o caminho autêntico da fé, acabará por chegar à «renúncia» de todas as «consolações de Deus», passar pela dúvida, pela descrença, pela luta, pela aridez, até o coração ser alcançado pela luz divina e chegar a conhecer o “Deus de toda a consolação”!

**3.** De resto, não nos escandalizaríamos tanto com a notícia «da sensação de ausência de Deus em Madre Teresa», se nos lembrássemos do grito de Jesus, «abandonado» na Cruz. Jesus atravessou a porta da nossa solidão extrema quando, na sua Paixão, despojado de tudo e de todos, se afundou no abismo da nossa sensação de abandono. Mas, vede bem: ao mesmo tempo, que Jesus se sentia abandonado, e gritava, «meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?», Ele abandonava-se, entregava-se e rendia-se às mãos do Pai rezando: «Pai, nas tuas mãos, entrego o meu espírito!» Foi só pelo fracasso de sexta-feira santa e pelo silêncio absoluto de sábado santo que os discípulos entenderam quem era realmente Jesus. De certo modo, Deus tinha de «desaparecer», de se «ausentar» e até de «morrer», para poder viver com eles.

Assim, quando se diz, que Madre Teresa não sentia a presença de Deus, quer-se dizer, que ela, com toda a sua caridade, com a força da sua fé, sofria com o silêncio de Deus, solidária com a dor humana. Como Jesus, ela conserva a fé, mesmo no momento em que a fé parece ter perdido o seu sentido, mesmo quando a triste realidade da miséria à sua volta, proclama o Deus ausente. De facto, onde já não se faz ouvir nenhuma voz, é onde Deus está. A noite mais escura da fé torna-se ao mesmo tempo o sinal mais claro da esperança sem limites!

Para compreendermos como esta «sensação de ausência de Deus» implica uma qualidade ainda mais perfeita da sua presença, pensemos nas nossas relações humanas. De facto, descobrirmos sempre mais a luz do amor na dor da ausência do amado; e se ele parte, em definitivo, torna-se presente de maneira nova, pela força do mesmo amor, mais forte do que a morte.

**4.** Queridos irmãos e irmãs: Ao comentar estas revelações de Madre Teresa, dizia o Papa aos jovens, que «todos nós, mesmo os crentes, experimentaremos o silêncio de Deus». Com certeza, acontecerá, mais cedo ou mais tarde, na nossa vida espiritual, «uma noite» em cuja solidão nenhuma voz se faz ouvir. Mas como dizia o Papa, «nós precisamos das trevas de Deus, do silêncio de Deus, para experimentarmos a profundeza da sua grandeza e sentirmos a nossa miséria, que viria ao de cima, caso Ele não existisse». Por um lado, temos de suportar este silêncio de Deus para poder compreender os nossos irmãos que não conhecem a Deus». Por outro, «*podemos gritar sempre de novo a Deus: ‘Fala, mostra-te!*»’

**5.** Em horas assim, só nos resta sacudir este Deus do silêncio e do sono, e gritar; como os discípulos: “Acorda, não vês que nos afundamos? Acorda, não deixes que se prolongue a nossa escuridão! Permite, ao menos, que um raio de luz pascal ilumine a noite dos nossos dias. Não nos deixes na escuridão. Senhor, sem Ti, afundamo-nos. Ajuda-nos”. Em momentos assim, podemos sempre cantar com São João da Cruz: “Se me colhe a tempestade e Jesus vai a dormir na minha barca, nada temo, porque a Paz está comigo. Se os amigos me deixarem em caminhos de miséria e orfandade, nada temo, porque o Pai está comigo. Se me envolve a noite escura e caminho sobre abismos de amargura, nada temo porque a Luz está comigo”.

**Homilia no XXIII Domingo Comum C 2004**

“*Tirar as pedras do caminho*”, é o esforço e a intenção de Jesus, que ruma decidido a Jerusalém. De facto, *uma multidão seguia Jesus*, *uns* talvez mais por admiração, *outros* por desejo ou satisfação, *menos e poucos* por decisão, seguimento e imitação. Mas o Mestre, mais do que *gente atrás d’Ele*, quer discípulos com Ele, do lado d’Ele, por Ele. E, para que não haja ilusões, Jesus volta-se para eles e define, com clareza, as coordenadas do caminho da Cruz, com três condições e duas parábolas.

**1.** O discípulo tem de saber *dispor de si* (da sua vida), dispor *dos seus* (dos seus familiares), e *dispor do que é seu* (dos seus bens). Dito de outro modo, *nada antepor a Cristo*. Nem os bens pessoais, nem os laços familiares, nem a própria vida, podem servir de pretexto, de *pedra de tropeço,* de estorvo ou de impedimento*,* no seguimento fiel de Jesus. Temos de viver “*a inteireza do possível*”, no feliz dizer de Sophia.

Não é que Jesus tenha ciúme dos nossos afetos familiares. Ou despreze e inveje os nossos bens ou dispute a nossa vida, em vez de ser em tudo nosso aliado. Poderia dar-nos a impressão de que o seguimento de Jesus entra sempre em rota de colisão, com aqueles que mais queremos ou com aquilo que somos e temos. Mas não. A linguagem dura e exigente de Jesus exprime-se segundo um modo muito típico de falar entre os judeus, que para dizer que *uma coisa está primeira que a outra*, dizem que é preciso *odiar a segunda e amar a primeira*. O que está verdadeiramente em causa é a nossa opção por Jesus. E a consciência de que segui-l’O exige uma opção que, vistas bem as coisas, nem sempre é aceite pela família e que os próprios bens tomam um valor relativo diante da riqueza absoluta que é o Reino de Deus. Ora esta exigência, feita de desprendimento e de liberdade, por amor, tem que ser bem avaliada, bem medida, bem calculada. Bem ponderada. Teremos bagagem para fazer esta viagem? Ou há peso a mais, a impedir o avanço na caminhada?

**2.** São no fundo estas as questões que as parábolas ilustram. É preciso realismo humilde frente a tamanho desafio. E confiança divina, no projecto, de que somos apenas instrumentos e não senhores. Para não perder tempo nem feitio. Não aconteça termos começado a edificar e não sermos capazes de concluir.

**3.** *Edificar* *e* c*onstruir* foi o lema do ano pastoral, que entretanto terminámos. E manter-se-á ainda para o futuro como rumo da vida das nossas comunidades paroquiais. Com o fim das férias e o novo ano pastoral à porta, a palavra certeira de Jesus lembra-nos, neste esforço de *edificar e construir*, que é preciso deitar contas à vida, para não fazer “*torres no ar*” ou castelos na areia.

De facto, queremos partir para a *edificação* de um novo ano, com os pés bem assentes na Terra e os olhos postos no céu, de modo que os nossos caminhos sejam os *caminhos de Cristo*, de modo que os nossos projectos sejam a expressão do desígnio de Deus, para nós. E porque não podemos conhecer os *desígnios de Deus para esta comunidade, sem a sabedoria de Deus*, peço-vos que este seja um tempo de *invocar o Espírito Santo*, de escutar o que Ele diz à Igreja, no desejo de cada um, no sentir de cada grupo, nos apelos da comunidade, na voz autorizada dos seus Pastores. A proclamação do ano da Eucaristia, de Outubro de 2004 a Outubro de 2005, a mais recente Carta Pastoral dos Bispos Portugueses sobre a Família, a inspiração bíblica e vocacional da pastoral, definida como prioridade pelo Bispo da nossa Diocese, hão-de inspirar as nossas escolhas e abrir pistas no caminho das nossas comunidades.

**4.** Mas permiti-me uma ressalva, porque não se trata aqui de um estratégia de sucesso empresarial. No alicerce desta construção esteja sempre a nossa *amizade a Cristo e a nossa amizade em Cristo*. Nestes tempos últimos, graças também aos novos espaços de convívio e de relação, que o Centro Pastoral nos proporciona, com mais frequência, tenho sentido essa amizade crescer entre vós, entre nós. *Não só pela natureza* dos nossos afectos, *mas também aos olhos do Senhor*. Que cada um aprenda a amar o outro como se fosse o seu próprio coração. E que esta amizade a Cristo... e aos irmãos em Cristo seja útil à edificação de uma comunidade de irmãos muito queridos. Sem isso, nem valeria a pena pensar em mais nada.

**Homilia no XXIII Domingo Comum C 2001**

**1.** Chega de boa vida. Mãos à obra, que a hora é de construir. E Jesus, que não perde tempo a encenar a «*rentrée*», para anunciar o regresso ao trabalho, lembra-nos que é preciso cálculo prudente e orçamento rigoroso, para não andar para aí a fazer *torres* no ar. «*Não suceda que, depois de assente o alicerce, se mostre incapaz de concluir*». É uma advertência séria e oportuna, agora que nos pomos a desenhar sonhos, a rabiscar projetos, a fazer planos, a programar o novo ano, na Escola, no trabalho, na Paróquia. É preciso, em primeiro lugar, cuidar das fundações e assentar os alicerces: «**ver**» com realismo, pondo os pés bem assentes no chão, a realidade donde partimos, as suas grandezas e misérias, capacidades e deficiências, possibilidades e limites. Depois, «**julgar»** com sábio discernimento o que há a eliminar, o que se deve corrigir, o que é preciso aperfeiçoar ou criar de novo. E, só depois, «**agir**», em consequência. Construir, de facto.

**2.** Quanto a nós, comunidade paroquial, importa «*construir a casa sobre a rocha*» (Mt.7,24), na certeza de que «*se o Senhor não edifica a Casa, em vão trabalham os que a constroem*» (Sal.127,1). Para nós, construir é antes de mais «*partir de Cristo*» (cf. N.M.I., cap. III). «*Não se trata de inventar um programa novo. O programa já existe: é o mesmo de sempre, está no evangelho e na Tradição viva. Concentra-se em última análise, no próprio Cristo, que temos de conhecer, amar, imitar, para nele viver*» (N.M.I. 29). Creio, por isso, que em primeiro lugar, o programa é este: «*seguir Jesus Cristo*», pois «*sem Ele nada podemos fazer*». Segui-lo, na exigência do seu Caminho. E viver com Ele uma relação forte de amizade, tão intensa e tão profunda, que Ele se torne o centro da nossa actividade e transforme todas as nossas relações. São Paulo, a título desta amizade com Cristo, fez de um escravo um filho e do filho um amigo para outro amigo (cf. Fil.9-17). Como gostava que a nossa amizade com Cristo, suscitasse uma verdadeira comunidade de amigos. De gente amiga, que se conhece, que se estima, que colabora, que se aproxima, que dá as mãos para a construção da única Igreja de Jesus Cristo. Construir é para nós, antes de mais, em Cristo, fazer família de irmãos, onde cabem todos, desde o pai e a mãe, a esposa, os filhos, os irmãos e as irmãs. É grave, quando, no edificar da comunidade, nem os próprios «*construtores»* se conhecem entre si.

**3.** Viver na amizade com Cristo e, daí, construir uma Igreja família de irmãos, eis, portanto, o objectivo, para onde devem convergir todos os planos, iniciativas, actividades, organizações e reorganizações da comunidade paroquial. Desde a Oração à Eucaristia, que fundam esta relação, pois «*o nosso testemunho seria excessivamente pobre se não fôssemos primeiro contemplativos do seu rosto*» (N.M.I. 16). Desde a Catequese à Caridade, que geram e testemunham esta amizade, desde a Animação à Cultura, que a tornam visível e fraterna aos olhos do mundo. Em todas as coisas, importa mais aquilo que somos «*irmãos e amigos*», em Cristo, do que aquilo que fazemos... quantas vezes, por nossa conta e risco.

**4.** Para não cair num erro de cálculo, em que, regra geral, subtraímos Deus às nossas contas, medidas e planos, invoquemos, neste início de ano pastoral, escolar e laboral, a Sabedoria, que é dom do Espírito Santo. Ela afinará os nossos critérios pelos desígnios de Deus, de modo que sejamos instruídos no que realmente é do agrado do Senhor! (cf. Sab.9,19).

**Homilia no XXIII Domingo Comum C 1998**

Um bilhete-postal, na caixa de correio, que é quase uma declaração de amor. É a *Carta de Paulo a Filémon*. Meia dúzia de letras e um verdadeiro «*Tratado sobre a Amizade*». A gente lê isto e alivia assim a saudade das férias, que tanto nos levam ao encontro de alguns amigos, como nos tiram aqueles que mais falta nos fazem. A saudade, cá para mim, ainda é o melhor termómetro da amizade... É esta amizade, precisamente, que o tal bilhete-postal testemunha. Paulo, na cadeia, encontrara Onésimo, um escravo do seu amigo Filémon. E a amizade entre ambos - ele e o escravo - fora tão longe, que os dois chegaram a ter uma só alma. Nas algemas da prisão - por absurdo que pareça - geraram-se laços de verdadeira amizade.

Paulo estava já mais preso ao amigo que às grades da prisão. Mas, num gesto de liberdade perfeita, devolve o amigo, que lhe era tão útil, àquele a quem primeiro pertencera. E é comovedora a "*passagem do escravo*": Diz Paulo: «*Mando-o de volta para ti, como se fosse o meu próprio coração* (...) *Se me consideras teu amigo, recebe-o como a mim próprio*». As marcas da escravatura foram destruídas pelo selo da amizade. Esta nasce sempre da renúncia de dois egoísmos e da soma de duas generosidades. É uma amizade que realmente não ata, mas que se deixa prender. Uma amizade que cria laços, sem pôr algemas. Que não quer prender, mas se deixa prendar... E, se por um instinto natural, quase o desejava ter junto de si, Paulo deixa livre o escravo, porque a amizade não busca a utilidade. Diz, a esse propósito, com toda a franqueza, o Apóstolo prisioneiro: «*quisera conservá-lo junto de mim, para que me servisse em teu lugar...mas, sem o teu consentimento, nada quis fazer*»... E assim a vontade de um não dominou a liberdade de outro.

"- *Ando à procura de amigos! Disse o Principezinho. O que significa cativar?*

*- Significa «criar laços». Se me cativares, precisaremos um do outro. Serás para mim único no mundo. Serei único no mundo para ti. Só conhecemos as coisas que nos cativam. Disse a raposa. Os homens já não têm tempo para conhecer nada. Compram as coisas já feitas nos vendedores. Mas como não há vendedores de amigos, os homens já não têm amigos. Se queres um amigo, cativa-me?*

*- E o que é preciso fazer? Perguntou o Principezinho.*

*- É preciso ter muita paciência. (...) Foi o tempo que perdeste com a rosa que tornou a tua rosa tão importante*»... (in Saint Exupéry, O Principezinho)

Mais vale perder tempo, que perder a outra metade da alma. Houve até um que perdeu tudo por nós e, ainda por cima, agradecido, nos chamou seus «*amigos*».

**Homilia no XXIII Domingo do Tempo Comum C 1995**

Ou entramos nisto de cabeça ou isto não entra na cabeça de ninguém. A linguagem do Evangelho escapa inteiramente à nossa lógica, por muita volta que lhe queiramos dar. E não vale a pena a gente querer adoçar o discurso, porque é mesmo assim: uma afronta clara de Jesus à nossa forma de ser e de estar e mais ainda uma reviravolta total da nossa maneira de pensar.

De facto, a força da Terra que pisamos e o peso deste corpo em que existimos, oprimem o nosso pensamento. Retiram-lhe liberdade para ir além de si. Deprimem-no no seu esforço de elevação para Deus. Apegado assim a esta morada terrestre, o nosso pensamento dificilmente se eleva para o Alto, para entrar na esfera do pensamento de Deus. A nossa lógica, demasiado terrena, mesquinha, insegura, joga sempre na base do cálculo, do imediato, dos resultados práticos, do efémero. Por isso, diante do apelo do dom absoluto, da entrega incondicional, afinal do sacrifício da própria vida por alguém, sentimos os constrangimentos da nossa mentalidade. Uma mentalidade materialista, que contabiliza pela medida do cifrão e não mede pela lógica do dom. De modo que a aceitação do evangelho de hoje, antes de exigir atitudes concretas, renúncias a isto ou àquilo, exige primeiro uma opção, a escolha de um estilo de vida, marcada por uma radical e nova forma de pensar... liberta dos limites das nossas medidas, para se abrir à lógica do dom sem medida.

É esta «metanoia» (conversão do pensamento) que se exige antes de mais. Sem um pensar adequado aos valores do Evangelho, tudo o mais nos parece anormal, fora de tempo, um atentado à nossa inteligência. E se não entramos na lógica do Evangelho, tentamos então «dar a volta ao texto», ajustá-lo aos nossos critérios de pensar, de julgar, de agir, para podermos manter mesmo assim o rótulo de cristãos. Mas não é assim. O cristão ao contemplar o dom total de Cristo, acolhe o dom e vive na medida desse dom. Todos os sacrifícios e renúncias que Cristo nos pede, para O seguir, não são mais que o dom da própria vida, que Ele nos ofereceu primeiro. E, por muita missa que celebremos, por muita reza que façamos, se a nossa mentalidade não se afina pela lógica do Dom, seremos quando muito pagãos bem-educados mas nunca cristãos que mereçam o nome. A este pensar novo, a esta lógica de Deus, o homem só pode chegar pela graça do Espírito Santo. Que lhe transforma os critérios de pensar e lhe faz chegar ao coração a sabedoria do Alto. Por isso, frente ao abismo que nos separa ainda desta nova mentalidade, oremos como o salmista, sem medo de sacrificar a nossa inteligência: «Ensinai-nos, Senhor, a contar os nossos dias, para alcançarmos a sabedoria do coração!»

**Tópicos para a Homilia na Celebração do Matrimónio**

*Liturgia do XXIII Domingo Comum C*

1. O casamento não é um acaso nem um destino. Mas sim um acontecimento de salvação, inscrito no projeto de Deus. Mesmo que não percebamos porquê, nem saibamos como, esta experiência de amor que une homem e mulher é algo que nasce e se desenvolve e acontece no desígnio insondável de Deus. (cf.1ª leitura) Este amor está em vós e é maior do que vós. Vem de Deus e está ao vosso alcance. De modo que, respondendo livremente ao amor que vos atraiu, confirmais o «sim» de Deus dado a cada um de vós. No vosso «sim» fica claro quanto esta história do vosso amor, é uma história do amor de Deus em Vós. Um desígnio que afinal vem de longe e hoje se cumpre. Para a glória de Deus e para a Vida e felicidade de cada um de vós.
2. O casamento não pode constituir, por isso, uma prisão, (cf. *2ª leitura)* em que cada um é absorvido ou dominado pelo outro. Terá de ser uma confiança do coração que leva a procurar a companhia do outro, escolhido por nós entre tantos, e não ter medo dele, a esperar dele apoio, a desejar-lhe o bem, a procurar ocasiões de lho fazer e a conviver com ele o mais possível... O casamento é um laço eterno que une para se prender e não uma algema que aperta para dominar. De modo que «o outro» seja a metade da nossa alma e juntos cheguem a ser um só coração em dois corpos. São Tomás define o casamento como a «*a máxima amizade*».
3. O casamento há de crescer na renúncia de dois egoísmos e na soma de duas generosidades. Perder para se perder no outro e assim o alcançar. E, para que não seja «fazer torres no ar», *(cf. evangelho)* o casamento há de edificar-se à sombra da cruz, da morte, da entrega. Mais vale perder tempo... e dar vida, que perder a outra metade da alma. Houve até um que perdeu tudo por nós e, ainda por cima, agradecido, nos chamou seus «*amigos*». «*Vós sereis meus amigos, se fizerdes o que vos mando. E o que vos mando é que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei*»...

**Homilia no XXIII Domingo Comum C 2010**

**Nossa Senhora da Batalha**

**1.** Prestes a começar o ano letivo, o divino Mestre, Jesus de Nazaré, sem nenhum centro escolar aberto, nem quadro eletrónico na sala de aula, ensina multidões, no caminho! O tal caminho, que O levará até à Cátedra da Cruz, em Jerusalém, onde nos ensinará, ao vivo, a sabedoria do amor! De modo simples, Jesus descreve, na tábua rasa dos seus seguidores, duas parábolas! Como quem desenha, «preto no branco», duas imagens sugestivas, antes da nossa partida e da nossa aventura com Ele!

**1.1.** A primeira imagem, cujo protagonista é um construtor, destina-se a evitar um erro de cálculo e a prevenir o risco de passarmos a vida a fazer torres no ar, com obras começadas e nunca acabadas! Por outras palavras: o discípulo, isto é, aquele que entra na escola de Jesus, e O quer seguir até à Cruz, não pode ter a veleidade de construir uma vida assim, se fica a meio, ou se vive a meias, e não vai até ao fim e ao fundo das coisas! Seguir Cristo não é uma decisão, que se possa tomar de ânimo leve! Ela implica uma espoliação de tudo o que somos e temos; daí a necessidade de calcular previamente, de ver e prever com realismo, os recursos disponíveis da nossa vontade e da nossa liberdade! Seremos, ou não, capazes de «*renunciar a tudo*», sem nada antepor a Cristo?!

**1.2.** A segunda imagem, a do rei que se prepara a guerra, vem lembrar a quem “enche o peito de ar” e incha de presunção, que afinal «*quem vai à guerra dá e leva*»! Por isso mesmo, é preciso medir forças, antes de avançar para o combate, que terá um desfecho brutal e maldito na Cruz! Nesta parábola, Jesus deixa claro: o discípulo, que combate pela fé, não pode aventurar-se a uma luta tão desigual, neste mundo, se não está munido de forças espirituais, que ultrapassem a sua natural fraqueza! Este precisa de “*sentar a considerar se é capaz*” de enfrentar as lutas e as batalhas da fé, que tem pela frente! O discípulo deve examinar, com realismo, o seu equipamento interior, verificar a sua bagagem espiritual, para ver se “*tem pernas*” para lá chegar e vencer! Esta imagem da grande «batalha», pode ser enriquecida com a figura de Maria, que nos encoraja no seguimento e no grande combate da fé.

**2.** São afinal, três lições práticas, para o seguimento de Jesus e para qualquer aventura espiritual, neste início de ano letivo e pastoral: ***constância, realismo e audácia****.* Mas, nesta Festa de Nossa Senhora da Batalha, falemos sobretudo da audácia. A audácia faz precisamente o justo equilíbrio entre a presunção de quem se julga capaz de tudo e a timidez de quem não é capaz de fazer nada! Muitas vezes perdemos algumas batalhas da nossa vida, porque nem sequer nos roça de perto o desejo de as combater! Consideramo-nos derrotados, à partida!

**3.** Às vezes, e erradamente, adaptamos e reduzimos os altos ideais às nossas poucas forças, contentando-nos então com bem pouco, como quem diz: “*Já que sou assim tão fraco, o mínimo bem me basta*”.

Ora a audácia leva-nos à atitude contrária: a de adaptar as nossas forças à altura e à grandeza dos nossos ideais, como quem diz e se decide: «*já que desejo isto, vou rezar mais, lutar mais, batalhar mais, esforçar-me mais, sacrificar-me mais, estudar mais, renunciar ao que for preciso, para alcançar tal objectivo*».

Nesse caso, isto é, se queremos algo de belo e grandioso para a nossa vida, podemos abeirar-nos de Deus, apesar da nossa pobreza! E Ele afiançará os nossos projectos, dando-nos o seu Espírito Santo, a sua sabedoria, a sua força e a sua graça, para os levar a bom termo e fazer de nós mais do que vencedores!

**4.** Eis-nos então, caríssimos irmãos, diante de mais um ano, na escola, na paróquia, no trabalho, continuando e aprofundando o seguimento de Jesus!

É afinal só mais uma fase de uma empreitada, para quem quer edificar uma vida a sério, com Cristo! Ou é apenas mais uma batalha, para quem luta e deseja vencer!

**5.** Mas hoje, e nesta *Festa de Nossa Senhora da Batalha*, fixemo-nos sobretudo na imagem da luta e do combate, dessa difícil batalha, que temos a travar.

As condições desta batalha têm tudo a ver com as *daquele rei, que parte para a guerra, contra outro rei*, mas cujo realismo e audácia, nos desafiam a lutar, sem presunção nem medo! Lutaremos, cada dia, sem a falsa ideia de que somos bons, e sem o medo infantil, de quem foge a qualquer desafio.

Maria – a Mãe de Jesus - está connosco, no centro deste combate, no coração desta luta, ela que nos é apresentada no último livro da Bíblia, como a da Mulher que estava para ser mãe e tem de *travar a grande batalha*, pela vida do Filho!

Aí, a Mulher, - ao mesmo tempo figura de Maria e da Igreja - sai vencedora, esmagando o poder do inimigo, sempre pronto a destruir, tudo o que a graça de Deus quer edificar.

Essa imagem dá-nos confiança e audácia, para partirmos humilde e corajosamente para os combates que se apresentam diante de nós, em mais um ano que temos pela frente.

Maria, a humilde serva do Senhor, que se muniu apenas das armas da fé e da oração, para o grande combate da fé, nos ajude a seguir, dia a dia, e corajosamente, o seu Filho Jesus, até ao fim, isto é, até à Cruz!